

## O “Jovem Marx” de Raoul Peck

### Resenha da obra:

PECK, Raoul. *O jovem Karl Marx*. França, Alemanha, Bélgica: California Filmes, 2017, 119min.



*Autor da resenha*

**Claudinei Aparecido de Freitas da Silva**

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Estágio Pós-Doutoral pela Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Toledo – Paraná – BRASIL  
cafsilva@uol.com.br

### Para citar esta resenha:

PECK, Raoul. *O jovem Karl Marx*. França, Alemanha, Bélgica: California Filmes, 2017, 119min. Resenha de: SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da. O “Jovem Marx” de Raoul Peck. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 616 - 620. abr./jun. 2018.

DOI: 10.5965/2175180310242018616

<http://dx.doi.org/10.5965/2175180310242018616>

Mal entra em cartaz em algumas salas de cinema, *O Jovem Karl Marx* já arrebatou. A mais nova película assinada por Raoul Peck não deixa de provocar certo alarido, sobretudo na terra de Glauber Rocha. Também pudera: não poderia ser por menos, dado o atual momento conjuntural extremamente delicado do ponto de vista ético-político em escala, de passagem, não só nacional, mas internacional. Para começar, algumas “críticas” assumem, pelo menos, duas feições gerais: uma de caráter técnico; outra de fundo tendenciosamente ideológico. A primeira parte de uma indevida cobrança sobre os ombros do diretor precisamente por aquilo que ele não se propôs fazer, como, por exemplo, abordar a maturidade das personagens, o que exigiria uma série inteira de temporadas como espetacularmente se assiste em formato televisivo. Nesse contexto, pelo próprio título que se sugere, a película já se justifica tecnicamente: é o “jovem” e não o “velho” Marx que rouba a cena! Ademais, produzido em três idiomas (inglês, alemão e francês, atestando, desse modo, a vasta cultura de Marx e seus pares), o longa se estende em torno de quase duas horas de duração, tempo relativamente módico no intuito de expor tanto teorias quanto personagens em diferentes cenários, especialmente para um público pouco familiarizado com a temática. A legenda pode até atrapalhar em alguns momentos, mas nada há, nada mesmo, que comprometa “o espírito e a letra”, digamos assim, da obra. Embora minimalista, a película busca a fidelidade do período, razão pela qual o telespectador não deve esperar fazer grandes passeios pela Paris de 1844, já que tudo é encenado em apartamentos e bares, o que provavelmente ocorreria, dadas as circunstâncias.

Já outras críticas têm acentos, no mínimo, suspeitos (para não dizer frágeis) do ponto de vista teórico. Muitas delas têm se prestado mais a uma espécie de sarcasmo puramente ideológico, o que denuncia um desconhecimento completo da obra marxiana com uma turva percepção do momento histórico-social da época. Trata-se de um artifício que ainda insiste em retratar o autor de *O Capital* como uma espécie de demônio mítico que inspirou ditaduras mundo afora.

Para além, portanto, de tais análises, evidentemente simplistas ou reducionistas, cumpre, antes de tudo, compreender qual é a questão central. Fato é que, goste ou não,

Marx é um autor clássico! Ou seja, um pensador que não só conhece e escreve sobre a história da filosofia, mas que dialoga com o seu tempo, revivendo criticamente Hegel à luz do meio social. Tudo isso sem deixar de formular um pensamento próprio, isto é, engendrando conceitos, fazendo escola. Trata-se, afinal, de alguém que não fora somente filósofo, mas economista, jornalista, militante, cidadão. Ora, é esse aspecto que é trazido à tela ao apresentar um Marx “humano, demasiadamente humano”, quer dizer, de carne e osso, com suas agruras, seus tiques, seus surtos irreverentes (sem qualquer pretensão de mistificá-lo como um herói ou deus), sem deixar o público na mão, a ponto de ignorar a história de um homem que, de maneira contingente, convive com embates teóricos e políticos em meio a derrotas e a superações. O enredo a que se assiste no filme é uma trajetória permeada por constante processo de crítica e de revisão, justamente porque é tecida de contradições (por força da dialética enquanto lógica implacável), assim como é a vida, a história.

Dito isso, que Marx, enfim, se põe, em cena? O que Peck revisita é um jovem entusiasta semiclandestino, ora em fuga policial, ora a caminho do exílio, é verdade, mas também, como observou certa crítica, um Marx não canonizado pela academia. Pois bem! É preciso ver, realmente, quem é esse excêntrico personagem então datado, já avesso ao clássico estilo “politicamente correto” em pleno vigor juvenil.

A abertura da película, já, de imediato, identificada pela crítica como hollywoodiana, foca uma cena violenta e que muito lembra um episódio da série televisiva de David Benioff e D. B. Weiss, produção épica baseada em *A Song of Ice and Fire*, de George R. R. Martin. O pano de fundo, no entanto, não é ocultado: entre a acumulação primitiva, o cercamento dos bosques, o que o telespectador tem, sob os olhos, é a gênese mesma da propriedade privada. A narrativa é simples, nessa medida, clássica o suficiente para evitar desnecessários recursos realistas/naturalistas, uma vez que foca a atenção na mísera condição da classe trabalhadora da época. Tais recursos são reservados tão somente para a cena da acumulação primitiva.

O que nos é mostrado, nesse período primevo de formação da personagem, é que, para transformar esse quadro, não bastam medidas paliativas; aquelas que tinham sido emblematicamente consagradas nos ideais da Revolução Francesa ou na Declaração

Universal dos Direitos Humanos. Para o jovem pensador, esses são ideais românticos demais, recalcitrantes ainda de uma ideologia burguesa, jamais revolucionariamente autêntica. Da mesma forma, o socialismo utópico de Saint-Simon ou o anarquismo de Mikhail Bakunin e de Pierre Proudhon não dão conta desse impasse, por mais que se tenha carisma ou eloquência. Faz-se necessária uma boa dose de ousadia quanto a um debate franco e rigoroso a fim de mostrar, custe o que custar, que a fraternidade, a igualdade e a liberdade não passam de abstrações vazias, delirantes. É por isso que, uma vez transcendendo a teoria, cumpre dar um passo à frente com a práxis, quer dizer, com a resistência, a luta. Não há transformação apenas no plano das ideias; é preciso, pois, que se “suje as mãos”. Não se faz revolução com flores! Como já lembra um conhecido dito: “De boas intenções, o inferno está cheio”.

Nessa perspectiva, mais que meramente interpretar, cabe transformar! É assim que a formulação da célebre 11ª tese sobre Feuerbach é narrada por um Marx, em plena ressaca, a Engels, cujas análises são corroboradas. É verdade que Marx não abre mão da escrita acadêmica, mas nem por isso descarta quanto à necessidade de produzir um pensamento complexo capaz de dialogar com as massas. O que está em jogo, enfim, é a necessidade de assegurar a soberania popular, de trazer o povo para o protagonismo político. Esse interesse pedagógico parece se refletir também no longa ora dirigido. É sob esse prisma que, ao invés de uma produção tecnicamente arrojada, *O Jovem Karl Marx* assume um perfil diferenciado: tal como *O Manifesto Comunista*, de 1848, o filme bem pretende parodiar certo “manifesto cinematográfico”.

Ao que tudo indica, é essa a intenção mais imediata do cineasta, produtor do já aclamado *Eu Não Sou Seu Negro* – baseado no livro inacabado de James Badwin, escritor e ativista estadunidense, além de outras obras de ficção e documentários como *Lumumba* (1990). Peck parece cômico quanto ao fato de que fazer cinema em seu país de origem era algo difícil. Daí advém a sua atenção mais voltada ao conteúdo do que propriamente à técnica, até como um gesto de militância. Prova disso são os créditos finais, com imagens do século XX, e uma trilha sonora de Bob Dylan cantando *Like a Rolling Stone*; uma escolha muito ao estilo do diretor visando retratar como o espectro daqueles jovens segue atual. É esse elemento que, a nosso ver, deve contar como crítica. É sob esse

prisma que, ao passar por vários festivais internacionais, a película constitui, como bem relata Madaraz (*Revista Opinião Filosófica*, Porto Alegre, v. 8, nº 2, p. 557, 2017), o primeiro “biopic” sobre Karl Marx. Isso porque estamos há mais de 40 anos do fim da Guerra Fria, de modo que até mesmo na antiga URSS nenhuma produção do gênero viera a público, já que o “fantasma Stálin” ainda rondava como um fenômeno presente na paisagem político-cultural de então.

Por tudo isso, a película encerra 2017, especialmente, no Brasil, como uma iniciativa altamente promissora. Um brinde ao diretor haitiano, de quem o nosso país tem acolhido muitos conterrâneos, a exemplo de tantos outros imigrantes de nacionalidades diversas.

Recebido em 30/10/2018  
Aprovado em 28/05/2018

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
**Programa de Pós-Graduação em História - PPGH**  
Revista Tempo e Argumento  
Volume 10 - Número 24 - Ano 2018  
tempoeargumento@gmail.com